

---

# TAÇA DE PORTUGAL 1968/69: O PROTESTO ESTUDANTIL NA FINAL EM QUE VENCEU A LIBERDADE

---

**MARISA MANANA**

INVESTIGADORA HISTÓRICA, CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO  
DO SPORT LISBOA E BENFICA



**PATRIMÓNIO  
CULTURAL  
BENFICA**

---

# TAÇA DE PORTUGAL 1968/69: O PROTESTO ESTUDANTIL NA FINAL EM QUE VENCEU A LIBERDADE

---

**MARISA MANANA**

INVESTIGADORA HISTÓRICA, CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO  
DO SPORT LISBOA E BENFICA

A final da Taça de Portugal 1968/69 foi diferente daquelas a que nos fomos habituando. Além da festa de que esta competição é sinónimo, em 1969 houve momentos de tensão e contestação política que juntaram os dois clubes numa verdadeira "final da amizade"<sup>1</sup>.

**Citar este paper:**

MANANA, Marisa, *Taça de Portugal 1968/69: O protesto estudantil na final em que venceu a liberdade*, [Lisboa], Direção de Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, 2022.

Disponível em:

<https://media.slbenfica.pt/-/media/BenficaDP/Images/museu/ficaemcasa/TP1968-69>.

---

© Direção de Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, 2022

# A "PROVA-RAINHA"



Troféu da Taça de Portugal 1968/69.

Fotografia de João Freitas. Acervo SLB



A festa da Taça de Portugal, que começa muito antes do início do encontro, na Mata do Jamor.

Fotografia de Isabel Cutileiro. Acervo SLB



Caiado com o troféu original da Taça de Portugal, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa.

Fotografia de Roland Oliveira. Acervo SLB

A Taça de Portugal é sucessora do Campeonato de Portugal, que se disputou entre 1921/22 e 1937/38, e que tinha, na sua criação, o propósito de divulgação e de aproximação da modalidade ao público. Em 1938/39, com a remodelação da orgânica das provas nacionais, o Campeonato de Portugal passou a denominar-se Taça de Portugal, jogando-se no mesmo formato. A prova continuou a ser especial, por permitir a participação de um elevado número de clubes de todo o país. A determinação de adversários através de sorteio e o facto de ser disputada por eliminatórias traz à competição o fator surpresa, levando muitas vezes ao aparecimento dos chamados "tomba-gigantes", clubes mais modestos que vencem os mais conceituados.

A Académica de Coimbra foi a primeira equipa vencedora da Taça de Portugal, em 1939. O Benfica é, atualmente, o clube com mais títulos nesta competição, somando 3 Campeonatos de Portugal e 26 Taças de Portugal.

Desde a construção do Estádio Nacional, em 1944, que a final na Taça de Portugal é disputada no vale do Jamor, salvo raras exceções, ganhando simbolismo por proporcionar o convívio entre os adeptos, numa festa que começa muito antes do apito inicial.

Ao clube vencedor é entregue uma réplica do troféu perpétuo, que se encontra na Federação Portuguesa de Futebol. O troféu original é de maiores dimensões do que as suas réplicas e foi executado, em 1926, pelo ourives António Maria Ribeiro.

<sup>1</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 16705 (23 junho 1969), suplemento desportivo, p. 4

# A CRISE ACADÉMICA DE 1969

---

O dia 17 de abril de 1969 é geralmente a data apontada para o início da crise académica. Neste dia, foi inaugurado o novo Edifício das Matemáticas, na Universidade de Coimbra. Os membros do governo que participaram nesta inauguração foram recebidos, nas ruas da cidade, com cartazes de protesto que denunciavam a falta de condições a que estavam sujeitos os estudantes do ensino superior, e que pediam a reforma das estruturas académicas e uma educação acessível para todo o povo.

Entre os elementos do Governo que se deslocaram a Coimbra encontravam-se o Presidente da República, Américo Tomás, e o Ministro da Educação, José Hermano Saraiva. Os discursos das autoridades tiveram lugar na sala 17 de abril, que estava apinhada de estudantes – os quais, inclusive, se juntaram no átrio do novo edifício quando se esgotaram os lugares no interior da sala. A determinada altura da cerimónia, Alberto Martins, presidente da Direção da Associação Académica de Coimbra (AAC), pediu a palavra, em nome dos estudantes:

“E, portanto, o Presidente dos estudantes pediu a palavra porque não fazia parte do protocolo que, numa coisa feita para os estudantes, eles falassem. Não foi permitido isso e aí surge a crise académica.”<sup>2</sup>

O receio de que a contestação ouvida nas ruas tivesse chegado ao auditório levou a uma hesitação, seguida de uma resposta negativa por parte dos elementos do Governo, que se apressaram a abandonar a sala. As vaias ouvidas davam início à crise académica de 1969. Depois da saída das autoridades, Alberto Martins fez a inauguração da sala, perante o entusiasmo dos estudantes. No dia seguinte, realizou-se uma Assembleia Magna, na qual voltaram a ser exibidos cartazes de contestação e, a 22 de abril, foram decretados o luto académico e a greve às aulas. Durante o mês de maio de 1969, realizaram-se várias reuniões e debates entre os estudantes, cumprindo a greve às aulas e dando continuidade ao luto académico.

O Ministro da Educação, José Hermano Saraiva, decidiu manter o calendário de exames. A 28 de maio, a Assembleia Magna decidiu a greve aos exames e no primeiro dia de provas, 2 de junho, a cidade encontrava-se ocupada pela GNR. Esta foi uma manobra muito perigosa para os estudantes, porque a falta aos exames representava um chumbo quase certo e a possibilidade de serem obrigados a ir para África, para combater na Guerra Colonial. Mas muitos decidiram manter a sua luta. A greve aos exames foi votada com mais de 5000 votos a favor e cerca de 200 contra. Os estudantes compraram flores, que distribuíram pelo centro da cidade de Coimbra e, a 14 de junho, em protesto pacífico, foram lançados balões nos quais estavam inscritas frases revolucionárias, na baixa da cidade.

---

<sup>2</sup> Entrevista a Mário Campos, ex-jogador da Académica, concedida ao Museu Benfica - Cosme Damião a 14 de abril de 2021.

# O FUTEBOL COMO ARMA DE PROTESTO

Entretanto, no meio de toda a agitação que se sentia em Coimbra, a equipa de futebol da Académica alcançava a meia-final da Taça de Portugal. A equipa, da qual faziam parte muitos estudantes, juntou-se à causa estudantil e, como forma de protesto, apresentaram-se em Alvalade, frente ao Sporting, equipados de branco e com braçadeiras negras. Com uma vitória por 2-1, os “estudantes” já estavam com um pé na final da competição, feito que se confirmou na 2.ª mão, realizada a 15 de junho, em Coimbra, que terminou, mais uma vez, com a vitória dos “estudantes”, desta feita por 1-0.

No auge da crise estudantil, a disputa da final da Taça de Portugal foi encarada pelos estudantes como uma oportunidade de demonstrarem a luta pela qual se debatiam desde abril. A chegada dos estudantes a Lisboa foi apoteótica, mas vivida com alguma estranheza pelos lisboetas:

“Algumas centenas de estudantes de Coimbra avançavam em ruidoso cortejo que, desde Santa Apolónia até ao meio da Avenida da Liberdade, foi engrossando progressivamente. Cartazes da Associação Académica, buzinas, «borns» acústicos, carros apinhados e alguns cobertos de distintivos, com tira negra, da «mais que nunca gloriosa», deram especial colorido a esse cortejo bastante insólito para os «alfacinhas».”<sup>3</sup>

A imprensa fez uma breve alusão aos momentos da luta académica, como a distribuição de flores e a largada de balões na baixa da cidade de Coimbra:

“Certo que não houve flores ou balões: mas foi Coimbra em Lisboa, não há dúvida, nesta manhã cinzenta de domingo. Coimbra e os seus estudantes mais falados e entusiásticos do que nunca. E mais do que nunca nas primeiras páginas dos jornais – graças ao futebol, claro.”<sup>4</sup>



A chegada dos estudantes a Lisboa faz capa no jornal *Diário de Lisboa*, de 22 de junho de 1969.

*Diário de Lisboa*, n.º 16704 (22 junho 1969), p. 1. Fundação

Mário Soares, Fundo Diário de Lisboa/Ruella Ramos

<sup>3</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 16704 (22 junho 1969), p. 1, 17

<sup>4</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 16704 (22 junho 1969), p. 1, 17

# A FINAL EM QUE VENCEU A LIBERDADE



Equipa inicial do Benfica na final da Taça de Portugal de 1968/69, no Estádio Nacional.

Fotografia de J. Amorim. Acervo SLB

A 22 de junho de 1969, realizou-se a final entre o Benfica e a Académica. No Jamor, as equipas entraram em campo lado a lado, sem pressas nem correrias como era costume.

“Nós entrámos lentamente. Antigamente, as equipas entravam a correr no início do jogo. Entravam no Estádio a correr para dar genica. Essa final foi a primeira em que se entrou lado a lado. Não fizemos minuto de silêncio, mas levámos a capa em sinal de luto. O que deu um efeito excecional e foi bonito.”<sup>5</sup>

As camisolas berrantes do Benfica contrastavam com o tradicional equipamento preto da Académica e com as capas negras que os estudantes levavam ao ombro, em sinal de luto. As bancadas do Estádio Nacional encontravam-se completamente esgotadas, em contraste com a tribuna presidencial que estava vazia. A tensão entre os estudantes e o poder político era clara, uma vez que, pela primeira vez, a final da Taça de Portugal não foi transmitida em direto na televisão, conforme tinha sido noticiado na véspera do encontro.

No relvado, o jogo decorreu sem grande emoção, mas nas bancadas ecoavam os “F-R-A” dos estudantes que incentivavam a sua equipa para a vitória. Nas faixas visíveis nas bancadas liam-se frases como “Estão 36 estudantes presos”, “Melhor ensino, menos polícias”, “Estudantes unidos por Coimbra” e “Universidade livre”.

A dez minutos do final do tempo regulamentar, o marcador ainda registava um empate a zero e perspetivava-se um prolongamento. Na reta final do encontro, a Académica marcou primeiro, por intermédio de Manuel António, e, logo de seguida, o Benfica reagiu, através de Simões, que marcou o golo do empate. De facto, houve prolongamento, mas porque as equipas estavam empatadas a um golo e não a zeros, como inicialmente se pensara. Aos 19 minutos do prolongamento, Eusébio marcou o golo que deu ao Benfica a sua 13.<sup>a</sup> Taça de Portugal e a 5.<sup>a</sup> “dobradinha”. Nas bancadas todos festejaram e no relvado assistiu-se a uma invulgar troca coletiva de equipamentos, símbolo da amizade e respeito que uniu os dois emblemas.

Nesse dia, a vitória do Benfica não significou a derrota da Académica, pois esteve em jogo muito mais do que um troféu ou uma conquista desportiva. A presença na final da Taça de Portugal, na “festa da Taça”, que é por si só um acontecimento que, por vezes, move mais adeptos



Eusébio com a camisola da Académica, na capa de A Bola.

A Bola, n.º 3518, (23 junho 1969), p. 1. Acervo A BOLA

<sup>5</sup> Entrevista a Mário Campos, ex-jogador da Académica, concedida ao Museu Benfica - Cosme Damião a 14 de abril de 2021.

---

do que o próprio jogo, permitiu que os estudantes manifestassem a sua indignação, através da entoação de cânticos, da exibição de cartazes e da distribuição de mais de 35 mil comunicados que davam conta da luta dos estudantes, mesmo durante o Estado Novo, um período em que as manifestações estavam proibidas.

O que se passou nessa tarde, no Jamor, demonstra o carácter agregador e democrático do desporto. Este foi o momento ideal para que os estudantes se pudessem expressar, sem que o governo conseguisse censurar a informação ou mesmo impedir o protesto. Nas palavras de Toni:

“Esta final de 1969 não é mais uma final. Ela foi mais do que uma final, mais do que um jogo de futebol. Ela encerrou em si o movimento estudantil. O Estádio Nacional serviu como uma manifestação. Manifestações que hoje, para muitos, em período pós-25 de abril, se tornaram normais.”<sup>6</sup>

Foi a partir desse momento que os estudantes conseguiram impor a sua luta e fazer com que os seus protestos fossem ouvidos. Alguns foram obrigados a abandonar os estudos e a seguir para África, mas “a Estação de Coimbra-B encher-se-ia de antigos universitários que agora iriam vestir a farda portuguesa noutra continente. Nem nesse momento os jovens se calaram: gritavam em protesto contra a guerra e contra o regime.”<sup>7</sup>

O Dia Nacional do Estudante, comemorado a 24 de março, é uma homenagem a todos os estudantes que lutaram pela liberdade num dos períodos mais escuros da história do nosso país.

---

<sup>6</sup>Entrevista a Toni, ex-jogador do Benfica e da Académica, concedida ao Museu Benfica - Cosme Damião a 12 de abril de 2021.

<sup>7</sup>Site Observador - <https://observador.pt/2016/03/24/crise-1969-as-imagens-luta-capas-negras-estudantes/>, consultado a 24 de maio de 2021.

# FONTES E BIBLIOGRAFIA

---

## PERIÓDICOS

*O Benfica*, n.º 1392 (24 junho 1969), p. 6-9

*A Bola*, n.º 3518 (23 junho 1969), p. 9

*Diário de Lisboa*, n.º 16704 (22 junho 1969), p. 1 e 17

*Diário de Lisboa*, n.º 16704 (22 junho 1969), p. 1 e 14

*Diário de Lisboa*, n.º 16705 (23 junho 1969), p. 1

*Diário de Lisboa*, n.º 16705 (23 junho 1969), suplemento desportivo, p. 1, 4 e 5

## OUTRAS FONTES

Site Observador - <https://observador.pt/2016/03/24/crise-1969-as-imagens-luta-capas-negras-estudantes/>, consultado a 24 de maio de 2021.

Entrevista a Toni, ex-jogador do Benfica e da Académica, concedida ao Museu Benfica – Cosme Damião a 12 de abril de 2021.

Entrevista a Mário Campos, ex-jogador da Académica, concedida ao Museu Benfica – Cosme Damião a 14 de abril de 2021.

Apresentação de slides cedida pelo Museu do Aljube.



**PATRIMÓNIO  
CULTURAL  
BENFICA**